

Marechal

José Pessôa:

o ideal alcançado



Hiram de Freitas Câmara

Coronel

“Formar oficiais para o Exército de um Brasil de grandeza”

Presidente Getúlio Vargas, ao atribuir a missão do Comando da Escola Militar do Realengo,
por intermédio do Ministro Leite de Castro, nov. 1930

O Marechal José Pessôa Cavalcanti de Albuquerque nasceu em Cabaceiras, no Estado da Paraíba, em 12 de setembro de 1885. Filho de Cândido Clementino Cavalcanti de Albuquerque e de Maria Pessôa Cavalcanti de Albuquerque, era sobrinho de Epiácio Pessôa - Presidente da República, de 1919 a 1922 - e irmão de João Pessôa - Presidente da Paraíba, de 1928 a 1930, contava 74 anos, quando faleceu, no Rio de Janeiro, em 16 de agosto de 1959.

Foi velado por uma guarda de cadetes da Academia Militar das Agulhas Negras, que pouco sabia daquele chefe militar invulgar. Em verdade, poucos brasileiros sabiam de seus êxitos desde haver sido ex-combatente no exército francês, até já na Reserva, do fato de ter sido o responsável pela localização exata, pela luta obstinada em favor da desapropriação dos terrenos escolhidos e pelo planejamento básico da construção e urbanização da nova capital do Brasil, durante o governo Café Filho. Assim, sua vida e sua obra caracterizaram-se pela inovação, perseverança e objetividade com que alcançaria a magna obra de sua vida: gerar condições de formação de oficiais para o Exército de “um Brasil de grandeza”, por meio do comando da Escola Militar do Realengo, em 1930.

Justo, pois, que este artigo, quando a Academia Real Militar, célula-mater da AMAN, comemora seu segundo centenário, tenha como foco prioritário o ideal alcançado pelo Marechal José Pessôa, as bases desse ideal e as concretas contribuições que, ao implantá-lo, trouxe à renovação e à revalorização do ensino de formação de oficiais de carreira do Exército e, já por decorrência do ideal alcançado, à coesão da Força Terrestre.

As bases do ideal e de sua concretização

O Marechal José Pessoa era um idealista. Três conceitos foram garimpados pelo saudoso General Carlos de Meira Mattos e lançados como epígrafes de três diferentes de seus textos. Aproximando-os em certa ordem, surge a harmonia com que se completam. O primeiro é de Honoré de Balzac, ao explicar como um diálogo, escrito nas primeiras páginas de um de seus romances, poderia completar três centenas de páginas depois e, ainda assim, ser compreendido, na trama, pelos personagens, mas, muito em especial, pela leitura externa do leitor. Disse: “As ideias projetam-se na ra-

pensador católico Gaston Courtois, autor de *A Arte de ser Chefe*: “É bom ter uma ideia, nutrir um belo ideal. Mas tudo isso nada significa se o ideal permanece um sonho e a ideia não vai além de um ponto de vista espiritual. É preciso que o ideal ganhe corpo na realidade. E é aí que o chefe — para não se perder, para evitar a separação entre a inteligência e a vida — deve desenvolver, em si, o sentido da realidade.”

Não foi outro o sentido que o Marechal José Pessoa atribuiu a palavras ditas, em 1949, em sua despedida do serviço ativo, cerca de duas décadas antes do pensamento de Gaston Courtois (1956), e hoje incrustadas na placa sob o busto do Marechal, à porta do belo memorial que lhe foi tributado pela Academia Militar das Agulhas Negras: “Não basta ter-se um bom ideal; é preciso que ele se transforme em realidade.”

É assim que se deve compreender a vida e a obra de José Pessoa, com sua mente no futuro, o coração no Brasil e sua gente e os pés firmes sobre a rocha cristalina de valores morais e éticos, impregnados em seu espírito, burilado nos exemplos de família, das escolas de seu tempo e de alguns de seus melhores chefes.



Formatura da Escola Militar do Realengo em 1932

zão direta da força com que são concebidas e vão atingir o ponto onde as envia o cérebro”. O segundo, do grande poeta e Patrono do Serviço Militar Brasileiro, Olavo Braz Martins dos Guimarães Bilac, sobre a necessidade de os cidadãos responsáveis pelos destinos de uma grande nação serem movidos por ideais nobres e construtivos com o conceito lamentavelmente sempre atual: “O que me amedronta é a míngua de ideal que nos abate.” O terceiro, um conceito bastante integrador e realista, do

O exemplo vem de casa

O ambiente familiar de liberdade de pensar e de fazer, em terra de criatório de gado, permitiu a José amplas cavalgadas nos folguedos que, de criança, o fizeram perito e elegante cavaleiro, destro nas atividades físicas. Modestos, seus pais pouco lhes poderiam prover – aos nove filhos – em valores materiais; deram-lhes, assim, a educação na capital do estado e,

quando lhes foi possível, no Rio de Janeiro, o vigor da saúde e seu maior tesouro: os valores morais e éticos que lhes moldaram, preservada a personalidade de cada um, firme caráter, lições que lhes chegavam mais por exemplos que por palavras. Quatro valores imensos da alma simples de seus pais marcaram José Pessoa para a vida: não mentir, não ser desonesto, ser leal e não fugir à responsabilidade. Um verdadeiro código de honra a ser seguido por qualquer cidadão em qualquer nação que se leve a sério. José Pessoa incrustou-os não em uma placa, mas na alma. Esses e responsabilidade, passaram a caracterizar valores presentes na alma militar. Trazidos à consciência coletiva por José Pessoa, desde 1931, permitem-nos iluminar as bases éticas do rigor de José Pessoa com erros que interpretasse como desrespeitos a este código, o que pode explicar sua tese, como Comandante da Escola em Realengo: “À Escola Militar não cabe corrigir defeitos, mas aprimorar qualidades.”

Influências do quadro envolvente: a ausência de um líder capaz de galvanizar a Força Terrestre

As dissensões no processo de consolidação da Proclamação da República abalaram a coesão das Forças Armadas – Marinha e Exército – e a coesão interna em cada, com forte influência no ensino de formação de oficiais. Um líder indiscutível, como o Duque de Caxias, falecido em 1880, fazia muita falta naquele momento. O Exército, desde então, apresentara sintomas de fragilização da coesão, sua coluna vertebral. Por outro lado, sem o Duque, a Nação Brasileira perdera parte da capacidade de negociar a pacificação dos espíritos. Depois de 1889, as lutas para a consolidação da República haviam exaurido os poucos recursos de uma nação já empobrecida pela crise

do campo e haviam afastado, entre si, chefes militares importantes. A Revolta da Armada enfraquecera a unidade das Forças Armadas. A Revolução Federalista colocava em risco a unidade nacional. A Guerra de Canudos demonstrara, ocasionalmente, a debilidade operacional de um exército sem mais as lideranças magnas do Duque de Caxias e Osório e sem apoio financeiro adequado. Em 1898, de maneira emblemática, foram proibidas manifestações sobre chefes militares monarquistas do passado e o uso do título de Cadete, por sua conotação de vínculo histórico com a nobreza monárquica. Esse fato obrigou o silêncio oficial sobre o Duque de Caxias e os outros notáveis líderes da Tríplice Aliança. Esse esforçado empenho foi contornado em 1924, quando o General Setembrino de Carvalho, Ministro da Guerra, oficializou a criação do Dia do Soldado, a ser comemorado, anualmente, no dia do nascimento do Duque. O 25 de agosto passou assim a ser data reconhecida por todos os brasileiros, apesar da bem mais recente criação do Dia do Exército, comemorado no dia da Batalha dos Guararapes. Relativamente àquele condenável obscurecimento dos heróis brasileiros da monarquia pelo republicanismo radical, em seus primeiros anos, é importante ressaltar que, como ponto inicial da busca de seu ideal visando a criar as condições de “formação do oficial para o Exército de um Brasil de grandeza”, o então Coronel José Pessoa, ao assumir o comando na Escola Militar do Realengo, em 1931, tenha iniciado sua Ordem do Dia com o vocativo “Cadetes!”, obtendo, ainda no mesmo ano, a oficialização legal do fim dos impedimentos de 1898.

A Revolta da Vacina

O resultado desse período de grande risco de insegurança institucional, com profunda interferência política dentro da Escola Militar da Praia Vermelha, onde o Positivismo



Criação do Corpo de Cadetes, presente o Presidente da República

implantara, desde 1874, ideias dissociadas das que deveriam conduzir seus alunos à carreira das Armas, foi a derrocada do ensino de formação militar no Exército, ainda decorrente da Revolta da Vacina Obrigatória, em 1904, com intensa participação dessa escola. A revolta, injusta e desorientada contra medidas sanitárias do governo federal, demonstrou o rompimento dos três pilares da instituição militar: a disciplina, a hierarquia e o moral. A reconstrução do espírito militar, a partir do ensino naquela escola de nobres lembranças, estava figurativamente demolida por parte substancial de seu efetivo.

Muitos daqueles jovens haviam sido convencidos de que o mundo caminhava para um ambiente de conciliação de que todos gostaríamos, sem guerras, sem conflitos, que o século XX provara ser utópica. Uma proposta, portanto, totalmente imprópria em um centro de ensino militar, onde se chegou a pregar a extinção das forças armadas, desnecessárias, como se justificava, naquele que seria um mundo pacífico, opondo-se ao aforismo: “Se desejamos a paz, preparemo-nos para a guerra.”

Havia opções, na época, para corrigir as limitações do ensino de formação de oficiais.

Uma delas, recorrente, era a de retirá-lo da capital federal para um sítio afastado das crises e conflitos políticos. Outra linha de ação era a de formar oficiais a cada dia mais voltados para o combate, oficiais guerreiros e menos teóricos, defendida por chefes militares mais jovens, inflamados pela vocação militar, como o espírito da escola comandada pelo General Hermes, no Realengo. Sem resolver essas vulnerabilidades, já detectadas, seria muito difícil reconstituir-se um exército que, há somente 30 anos, havia demonstrado alto valor combativo, disciplina, respeito à hierarquia e com elevado moral da tropa, com chefias militares de elevado padrão de liderança, na luta da Tríplice Aliança. Ambiente bem distinto daquele de 1870, ao se fechar a dramática luta no Prata, em que ideal, crença, fé, valores, atitudes, comportamento estavam gravados no espírito dos principais chefes militares e seus comandados.

Sem essas medidas tomadas, os alunos da Escola Militar do Brasil, sediada na Praia Vermelha, viriam a sofrer o impacto direto dessas repercussões negativas, em 1904. Como consequência da Revolta da Vacina Obrigatória, o governo selou o fim da histórica Escola Militar do Brasil, como a Escola da Praia Verme-

lha. Passando a ser um quartel, pareceu ser predestinada, desde então, a ser marcada naquele aprazível logradouro, por fatos deslustradores de seu passado. Foi a principal sede da dramática, insensata e violenta Intentona Comunista de 1935, quando o prédio deixou de existir.

Entretanto, em Realengo, o ambiente onde José Pessôa iniciou sua formação militar ficou imune à ação política, deixando-lhe firmado no espírito o exemplo de seu primeiro comandante.

O exemplo do primeiro comandante

A escola comandada pelo General Hermes era toda de instrução militar e aplicação prática, onde se preparavam os oficiais de infantaria e cavalaria, antes de, até então, completarem seu curso na Praia Vermelha. O curso de José Pessôa, nessa escola, portanto, a ação de comando de Hermes da Fonseca e os fatos ocorridos na Escola da Praia Vermelha e deles decorrentes, ocorreram paralelamente.

O General Hermes era um profissional combatente, operacional, disciplinador, atento à missão específica de preparar o futuro oficial de infantaria e cavalaria para sua função guerreira, e, ao mesmo tempo, um militar estudioso e intelectualizado. Assim como polia o fio de sua espada, mantinha o cérebro e a pena ágeis e penetrantes e era capaz de perscrutar o ambiente e dele colher dados sensíveis para o êxito de suas ações seguintes. E, se tudo sabia da disciplina militar prestante, acompanhava a vida política nacional, como é da obrigação de todo chefe militar fazer; assim pensava e assim agia.

Tomando-se seus períodos de comando em escola de formação de oficiais, podem-se identificar influências profundas de seu pri-

meiro comandante no pensamento e na aplicação prática no futuro Coronel e depois General José Pessôa, na construção de seu ideal:

— Em ambos, com pequenas nuances, transparece a construção de ideias para o bem do Exército, voltadas para o cumprimento da missão constitucional. Para o General Hermes, tratava-se de formar alferes, tenentes comandantes de fração até capitão, oficiais guerreiros; para José Pessôa: “A guerra é uma arte toda de execução e do que o Exército precisa é de oficiais aptos ao serviço, oficiais robustos, enérgicos, conhecedores da profissão, convictos de sua missão militar, social e política, como oficiais de verdade.”

- Quanto ao objetivo, para o General Hermes tratava-se de formar oficiais para o soerguimento do Exército. Para José Pessôa: “Formar oficiais para o Exército de um Brasil de grandeza”

Em ambos, seus textos, citações, comentários em memórias ou revistas demonstram a preocupação de inocular na consciência de cada “alumno” ou de cada cadete:

- Crença na missão, no chefe, no Exército e em si próprio; o despertar, em todas as situações, da fé no futuro, com base na crença.

- Estímulo à adoção de atitudes positivas e duradouras e comportamento coerente com as atitudes adotadas.

Esse é o sentido da carreira militar quando considerada como uma profissão de fé, expressão aplicada em artigo sobre liderança, do General de Exército Manoel Luiz Valdevez Castro, do número 16 desta mesma Revista DaCultura.

A liderança do General Hermes, na formação de José Pessôa e seus colegas de turma, distanciou as ações de seus alunos do Realengo daquelas produzidas pelos vândalos da Revolta da Vacina Obrigatória. Foi momento de grande importância para o jovem José Pessôa. Uma referência para seu futuro, a potencializar o “código de honra” que trazia de sua família, na tecedura, durante sua

vida, das bases do ideal que viria a alcançar no futuro.

Com o fechamento da Escola da Praia Vermelha, a formação de oficiais de carreira de infantaria e cavalaria passaria a ser realizada no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, na Escola de Guerra, e na Escola de Rio Pardo, a de artilharia e engenharia.

Influências da Formação de José Pessôa na Escola de Guerra, PA/RS

José Pessôa já era respeitado por seus companheiros do Realengo. Sua seriedade não era motivo de segregação por seus colegas. Seu ex-comandante era, então, o novo ministro da Guerra. Quando chegou à Escola de Guerra, José Pessôa se destacou por suas qualidades pessoais, tanto físicas, quanto técnico-militares. A perícia no montar, a inteligência, a objetividade, o interesse pelos assuntos profissionais se somavam ao firme caráter, que o levava a restrições leais, face a face, a companheiros que, de seu ponto de vista, não estariam à altura da atitude e do comportamento morais e éticos rigorosos que trazia de casa. Positivamente afastado da figura do “bom-moço”, sua rigidez moral e ética haveria de trazer-lhe sérias oposições no futuro.

Observava seus instrutores com interesse, escolhidos entre os melhores. Eles haviam precedido o envio para a Europa de outros jovens oficiais que se caracterizariam como os jovens turcos – alusão aos reformadores de Kemal Ataturk, na Turquia – e a auto-denominada Missão Indígena, brilhantes instrutores da Escola Militar do Realengo selecionados por concurso. Concentravam-se na formação do comandante de frações. Futuramente, no comando da Escola Militar do Realengo, incrementaria o programa com



Momento da entrega do Estandarte da Escola Militar do Realengo, já com o novo Brasão de Armas, em 25 de agosto de 1931, ao cadete mais distinto da Escola.

a inserção de disciplinas humanísticas, de interesse militar, como os estudos de geografia militar com aplicações geopolíticas, dominada pelo Capitão Mario Travassos, que deixou obras até hoje consultadas. Também inseriria disciplinas que levassem seus cadetes à compreensão de seu papel constitucional na vida social e política do País, conteúdo ministrado, com destaque, até a atualidade, na cadeira de Direito, de conhecimento crescentemente indispensável de todos os oficiais, que está em frequente atualização.

A base essencial: o Duque de Caxias e a concepção do ideal do Marechal José Pessoa

Concluída a Guerra da Tríplice Aliança, os cidadãos brasileiros em armas, que haviam vencido a guerra e, assim, assegurado a vida econômica e a vida política do País, além de terem mantido intacto o patrimônio territorial, frustrar-se-iam, por mais de 30 anos, pelas frágeis manifestações de reconhecimento. Entre 1870 e o fim do século XIX, o descaso em razão dos esforços e do sacrifício de vidas daqueles militares do Império, vitoriosos nos campos de batalha, tudo associado a um quadro duradouro de limitadas dotações orçamentárias para as forças de mar e terra, contribuiu limitadamente para o ensino de formação militar.

Nesse ambiente, o valor do Duque de Caxias, como cidadão e soldado, mesmo finda a guerra, permanecera intocável, como líder militar. Mesmo os civis republicanos respeitavam aquele monarquista leal, probo, verdadeiro e responsável. Ainda que fora do campo de batalha, era admirado. Ele e o Marechal Osório ambos contribuíram, até o final de sua vida, para manter a coesão do Exército.

Assim, enquanto o Duque de Caxias e o Marquês do Herval – o Marechal Osório – viveram, o Duque até 1880, e o Marquês até o ano seguinte, menos de uma década após a vitória nos campos de batalha, o Império se susteve e o Exército se manteve coeso. Ausentes seus magnos líderes, o espírito militar sofreu desafios, vulnerabilizando seu sistema gerador de coesão, cuja fonte vital é a formação de seus chefes militares.

A restauração do reconhecimento do valor do Duque de Caxias só voltaria a tomar corpo institucional em 1924. Nesse ano, o Ministro Setembrino de Carvalho criou o Dia do Soldado Brasileiro, como a principal e permanente data comemorativa do Exército, no dia de seu aniversário, 25 de agosto, apesar de restritas, ainda, as homenagens aos nobres do Império. Seu objetivo: fortalecer a coesão, co-

luna vertebral do Exército na República.

Refulgira o nome tutelar do Marechal de Campo: era a primeira grande homenagem, na República, ao chefe militar. Aos poucos, nos anos 1920, a memória do Duque começará a ser recuperada no ensino militar, pelas mãos e palavras de dois oficiais, um brasileiro e um, francês – Pedro Cordolino e Bézier de Fosse, – ambos tenentes-coronéis, professores da Escola Militar do Realengo. E quantos outros brasileiros existem com tal nível de seriedade, honestidade, firmeza de caráter e nenhuma jactância ou luta pelo poder político, ele, sem nunca haver pleiteado, foi levado pelo Império a chefe do Gabinete de Ministros por três vezes e ainda mereceu do povo brasileiro o reconhecimento de sua exaçaõ no cumprimento do dever, com a expressão que se tornou nacional e popular: Fulano é um Caxias! Pois esse único brasileiro foi Luiz Alves de Lima e Silva, Barão e Duque de Caxias, Pacificador e Unificador de um país de base geográfica continental.

Influências francesas

Em 1918, o Tenente José Pessoa foi designado para compor a Comissão de Estudos de Operações de Guerra e de Aquisição de Material na França, onde estagiou na Academia Militar de Saint-Cyr. O quadro mundial evoluíra. O governo brasileiro, em estado de guerra contra os impérios centrais europeus, autoriza os oficiais brasileiros em estágio na Europa a combater ao lado dos aliados. José Pessoa parte de Saint-Cyr para a frente de combate. Adido ao 4º Regimento de Dragões, toma contato com os pequenos e ferozes carros de assalto, que prometem modificar a Arte da Guerra. Comanda, inicialmente, o 7º Pelotão do 1º Esquadrão; depois, o 1º Pelotão do mesmo esquadrão, de soldados turcos. Sua fé de ofício se enriquece a cada batalha, com as citações francesas.

Do Coronel de Fournas, Comandante do 4º Regimento de Dragões: “Conduziu seu pe-

lotão sob o fogo em condições particularmente delicadas e perigosas. Distinguiu-se pela bravura e sangue-frio, tendo solicitado permissão, por várias vezes, para reconhecer as primeiras linhas inimigas, o que levou a efeito debaixo de fogos extremamente violentos.”

Do Capitão Marchal, seu comandante de esquadrão: “Conduziu seu pelotão de maneira notável em todas as operações de guerra (ofensiva franco-belga de setembro, outubro e novembro de 1918).”

Do conceito do estado-maior do exército francês: “Deixou no 4º de Dragões o conceito de um dos mais distintos oficiais e de um belo camarada. Muito instruído, apaixonado pela profissão, aproveitou todas as oportunidades para aperfeiçoar os seus conhecimentos militares. Ousado e brilhante sob o fogo, o Tenente José Pessoa, que fez com o regimento toda a campanha de Flandres, em 1918, ofereceu-se várias vezes para realizar missões perigosas. Incontestavelmente, tirou o maior proveito possível do seu estágio.”

Referência do General de Lassant, Comandante da 2ª Divisão de Cavalaria: “Oficial ardente e trabalhador, que exerceu durante alguns meses o comando de seu posto no exército francês em operações. Perseguiu o inimigo com o 4º de Dragões até o Escau (na região de Andenard).” E finaliza em síntese perfeita: “Excelente oficial.”

Assim seria quando comandasse a Escola Militar do Realengo, onde contou com o apoio do futuro Chefe da 3ª. Seção da Força Expedicionária Brasileira, o então Capitão Humberto de Alencar Castello Branco; também, na escola, vivia uma situação de liderança única: seu principal consultor da Missão Militar Francesa era suficientemente jovem para ele, brasileiro, ouvir aprendizados trazidos da Primeira Guerra, que o TC Paul Langlet não tinha vivido, o que ampliava a admiração dos jovens por Zé Pessoa, como era conhecido entre os cadetes, na intimidade das barracas, que o fato de serem seus cadetes lhes conferia.

Vivendo o real, de olhos e coração no ideal: ainda no exterior

Ainda durante a Iª Guerra Mundial, o Capitão José Pessoa conheceu sua futura esposa, Blanche Mary, enfermeira inglesa voluntária da Cruz Vermelha, que o atendeu em um hospital geral no interior da França. Casaram-se em 1918 e tiveram três filhos, Elisabeth, Joy e José (este chegaria a Brigadeiro, Comandante da Academia da Força Aérea). Terminada a guerra, e por justa razão, devido à experiência de combate em seu escalão, foi-lhe determinado prosseguir na missão na Comissão de Compra, dirigida agora aos carros de assalto. Em 1921, realizou um de seus mais fortes anseios: cursar o Centro de Estudos de Carros de Combate, em Versailles, passando a ser o único oficial, na América Latina, capacitado em curso e com experiência de combate para comandar frações de tropas blindadas, sendo sua participação muito valiosa na aquisição dos carros de assalto.

Vivendo o real, de olhos e coração no ideal: no Brasil

De volta ao Brasil, dominando conhecimentos práticos sobre os carros de assalto renault FT17, publicou o livro *Os Tanks na Guerra Europe*, o primeiro sobre o tema na América Latina, prefaciado pelo próprio General Maurice Gamellin, herói da Primeira Guerra Mundial e primeiro Chefe da Missão Militar Francesa. O livro vaticinava o futuro êxito do motor na guerra: o do carro e o da aeronave. Em 1922, indicado pelo General Gamellin, assumiu o comando da primeira unidade blindada no subcontinente, consequência lógica de seus atributos e sensibili-

dade dos chefes militares. A importância do fato para o objetivo deste artigo reside, em especial, em que essa seria a primeira experiência de comando de um grupo consistente de combatentes, e, certamente, a influência do que aprendera na França iria revelar-se, de início, pela motivação nascida da valorização social de seus subordinados.

Valorizar o soldado, muitas vezes, naquela época no Brasil, quando o soldado recrutado era sorteado e poderia vir da cidade ou do interior, representava transformar, por vezes, homens rústicos, analfabetos, acostumados a usar como talheres as próprias mãos, em homens asseados, hígidos que, ao retornarem aos seus locais de origem, levavam uma nova visão de vida. Para o Capitão José Pessôa, na época, como para todos os oficiais, hoje, o Exército não poderia devolver à vida civil um homem adestrado para vencer no combate sem que se lhe ofereça destreza para o sucesso no retorno à sociedade e para tentar, por caminhos honrados, a vitória. E, assim, a Companhia de Carros de Assalto se tornou atípica em relação às demais: mesas do rancho dos soldados com toalhas alvíssimas, talheres de boa qualidade, copos e não canecas de lata, aulas de alfabetização, cuidados sanitários que pareciam a muitos beirar o exagero e até bailes, para os quais convidava a sociedade dos bairros de Bangu e Realengo. Todas essas medidas de valorização social de seus homens conviviam, no entanto, com a dureza de um trabalho intenso, no próprio nascedouro da mentalidade de mecanização, de sua manutenção e de seu emprego adequado às condições brasileiras, com rigidez disciplinar e fortalecimento moral de sua tropa. Por esse motivo, em pouco tempo, sua tropa tinha espírito de corpo, tinha orgulho em usar a “bandagem” – tipo de perneira de fita – e o capacete dos blindados. Um espírito de corpo que, canalizado em favor da instituição, levaria seus soldados a ser tão bons no cum-

primento das várias missões operacionais na Revolução de 1922, quanto à mesa ou nos bailes. Era a influência nítida de Saint-Cyr, que perduraria em sua consciência militar.

E, se assim fora com soldados, assim seria com seus cadetes, futuramente, por mais fortes razões.

O momento histórico de sua vida

Em outubro de 1930, eclode a Revolução Liberal, que viraria a página da chamada República Velha. Chegara o momento histórico de sua vida.

Pelo canal institucional, cumprindo ordens da Junta Governamental, assume o Comando do 3º Regimento de Infantaria, enquadrando civis que se haviam apresentado voluntariamente. Arma-os e os conduz no cerco e investimento do Palácio Guanabara.

E, aí, refulge em sua alma, mais uma vez, a luz dos exemplos de Caxias. Em outras revoluções em outras nações, o epílogo do episódio poderia ser a marca do sangue do governante deposto na parede ou no chão do palácio. Com José Pessôa, foi a firmeza na conciliação e o êxito negociado na deposição do presidente. De forma enérgica, propugna a prisão do presidente e de dois ministros que o acompanhavam, e assim coloca-os sob sua custódia, em segurança, até a saída do País, com a ajuda do Cardeal Leme, Arcebispo do Brasil.

Um mês depois, em novembro, assumiu o Ministério da Guerra o General José Fernandes Leite de Castro, o mesmo que, como coronel, havia chefiado a Comissão de Compra dos Carros de Assalto, na França. Propõe o nome do Coronel José Pessôa, para o Comando da Escola Militar do Realengo: era o homem certo, naquele momento, para cumprir a missão que lhe seria destinada. E a cumpriria com verdadeira paixão, como era

de seu feito, e sem a qual, escrevera o filósofo Blaise Pascal, nada de grandioso se faz. A missão, já conhecida neste artigo, vinha do Presidente provisório Getúlio Vargas e foi repassada pelo ministro como “formar Oficiais para um Exército de grandeza”.

Do estudo do papel do Marechal José Pessôa na evolução do ensino de formação de oficiais de carreira no Exército Brasileiro flui o idealismo, como traço permanente de sua personalidade militar. Outro traço essencial completa sua atuação: a perseverança, capaz de conduzir seu plano desde a fase de concepção do ideal até os limites do realizável. E, durante todo o processo, nos bons e nos difíceis momentos, revela a cada passo seu firme caráter, que impulsionou, com obediência à Verdade, à Probidade, à Lealdade e à Responsabilidade, indiscutíveis traços de liderança, no sentido da evolução institucional e não da contemplação crítica, porém estática e permissiva, da realidade.

O dia 15 de janeiro de 1931 é de grande destaque histórico para o ensino de formação do Exército. Assumindo, naquela data, o comando da Escola Militar, José Pessôa reacendeu a chama do valor histórico do Duque de Caxias, no coração dos cadetes. A partir daquele dia, seus ex-cadetes seriam impulsionadores de seu culto nas unidades distribuídas em todo o território nacional e seus grandes multiplicadores, ao retornarem como instrutores à Escola Militar, e assim sucessivamente, geração a geração, os novos aspirantes, até 1944, quando abrem-se os portões da Escola Militar de Resende.

Cumpria-se, a partir daquele 15 de janeiro, a reação em cadeia de que nos fala, atualmente, o Vade-Mécum do Cerimonial Militar do Exército.

Nunca mais o silêncio, a omissão do nome, da figura e dos feitos do Duque de Caxias e de suas virtudes. Desde então, expressões como ideias, ideal, crença, fé, valores, atitudes, comportamento, honra e liderança,



No comando da Escola Militar do Realengo em 1931

ganhariam uma nova energia. E seus significados, trazidos dos exemplos do Patrono do Exército, integraram-se na alma militar.

Este foi o centro vital da interpretação do papel do grande Chefe Militar como Coronel, General e Marechal José Pessôa: identificar o sentido de grandeza por seus valores anímicos e, assim, traduzi-los a partir da luz emanada dos exemplos do Duque de Caxias, gerando um sistema de valores capaz de galvanizar a formação de líderes prontos a manter o Exército uno e indivisível.



Formatura da
Escola em 1931

Com esse centro de energia vital da coesão do Exército, completavam-se as bases do tesouro legado pelo Marechal, em benefício do estamento de Defesa Nacional.

O ideal do Cadete de Caxias

Desde os exemplos de sua família e os colhidos em sua vida militar, essas bases fizeram-se alicerces indestrutíveis para a criação de um conjunto harmonioso de bens materiais que, concretos na forma, visavam ao abstrato, ao espiritual, à construção de um edifício moral e ético na alma militar de cada um dos futuros oficiais. Oficiais cuja força motriz existirá na medida da capacidade individual de atuar com firme comprometimento.

E então atingimos o fim último do ideal vislumbrado por José Pessôa: para cumprir todas as missões no presente e no futuro de um Brasil com a grandeza que se sonha, o esforço magno da Instituição, na reação em cadeia, deveria estar voltado para formar multiplicadores comprometidos com sua profissão. Por

esse motivo, considera a sucessão de compromissos – o juramento à Bandeira Nacional, o recebimento do espadim do Cadete de Caxias e o mais importante de suas vidas, o compromisso do oficial, ao receber sua espada.

São aqueles bens imateriais, internalizados, espirituais, que nada têm com qualquer laivo de elitismo social pedante, que por vezes alguns analistas apontam o Ideal de José Pessôa, por ter implantado as manifestações formais das solenidades e dos uniformes, como se aqueles que ali os estão portando fossem indivíduos sem vida, sem alma. Muitos outros compreendem a realidade de que aquele chefe militar vislumbrava uma outra natureza de elite, sem necessidade de linhagem consanguínea, nem de poder material ou político. Daquela que se manifesta na Academia Militar, envolvendo brasileiros de todas as raças, classes ou credos que, voluntariamente, assumem compromissos com os quatro valores do código moral do cadete, compromissos com o espadim e, ao concluírem seus cursos, professam o compromisso de oficial. Neste, oferecem a vida em defesa da Pátria, se preciso for, em tempo de paz ou de guerra.

Essa é a profissão de fé de um oficial do Exército Brasileiro, que vem de muito antes do ideal do Marechal José Pessôa, nos exemplos dos heróis das guerras do passado e das missões de paz no presente. Mas José Pessôa valorizou-o, ao envolvê-lo com a energia da chama dos exemplos do Duque de Caxias, como líder equilibrado, corajoso, respeitador da verdade, da probidade, da lealdade e da Responsabilidade, estimulando, na reação em cadeia, a confiança nos chefes e destes nos subordinados, gerando a sinergia desse sistema mantenedor da coesão do Exército, enquanto o valor do Patrono for mantido como grande gerador desse sistema, o mais excelso e completo de nossos heróis brasileiros.

Para que o ideal se firmasse na alma de cada cadete, José Pessôa e seus principais auxiliares, os então Capitães Mário Travassos e Alexandre Chaves, acompanhados do jovem Dr. Raul Penna Firme, o excelente Arquiteto da AMAN, que desde 1931 compôs a equipe, com inúmeros planos para cada local, que se intentaram sua construção, até 1938, quando a academia realmente começou a ser edificada até 1944, sendo então entregue à consolidação do ideal alcançado e com um conjunto de medidas valorizadoras do Cadete de Caxias:

- Criação do Corpo de Cadetes, como centro de energização profissional, emulador dos necessários padrões de disciplina, hierarquia e moral do futuro oficial; e de valorização do sentimento nacional na alma de jovens oriundos de todo o Brasil, aqui nas expressões que o Marechal José Pessôa apresentou ao criá-lo, em 25 de agosto de 1931: “Sois, pugilo de moços, os fundadores do Corpo de Cadetes da Segunda República! Aqui estão presentes patrícios de todos os aspectos da Federação: o litoral, o sertão, as planícies, as serras, as florestas. Todas as regiões de nossa Pátria têm filhos destacados nesta escola. No Corpo de Cadetes, se sente o palpitar do Brasil unido.”

- Criação do espadim do cadete, assim definido: “Reprodução da espada gloriosa de

cujo aço se forjaram os elos da união nacional, esse símbolo haveria de ser o atributo mais importante do cadete, primeiro troféu a ser conquistado e o último a ser devolvido ao Exército: a miniatura do sabre do Marechal-de-Campo Luiz Alves de Lima e Silva, ex-cadete e pilar sustentáculo da Nação Independente. Sabre heróico, forjado em vitórias magnânimas. Sem traços de prepotência, arrogância ou revanchismo.”

- Uso dos uniformes históricos, restaurando peças do passado, que as condições objetivas e pragmáticas da vida moderna aconselharam ser restritos a solenidades e representações específicas, caracterizados por ser “fardamento definitivo para o cadete, até então envergando uniformes inexpressivos, que nada diziam com o histórico da nossa indumentária militar”.

- Caracterização expressiva e sóbria do contorno orográfico e da legenda das Agulhas Negras, antecipada no brasão da Escola Militar do Realengo, desde sua configuração original em 1931, e assim descrita pelo geopolítico, então Capitão Mário Travassos, seu criador: “Assim é que, fácil e rapidamente, a mentalidade do Corpo de Cadetes assimilará as forças psicológicas que se encontram condensadas no brasão. Eis por que é de se esperar que, em curto prazo, a nova entidade que deve ser o Corpo de Cadetes se manifeste amplamente no cenário das atividades do Exército e, conseqüentemente, da Nação.”

- Criação do conjunto de bandeiras históricas, a lembrar em todas as solenidades, o respeito ao sacrifício de todos os antepassados que construíram a formação e a evolução histórica do Brasil, bem como a necessidade de permanente integração de nossa nacionalidade, desde suas origens, como Colônia, lutando por sua independência.

- Projetos da Academia Militar das Agulhas Negras, de autoria do saudoso Dr. Raul Penna Firme – o Arquiteto da AMAN – e sua futura construção e inauguração.